

LANDRO OVIEDO

O livro que faltava na estante dos gaúchos

Poeta e professor aborda o livro sobre Manoelito de Ornellas, escrito por Maria Alice da Silva Braga

O livro “Manoelito de Ornellas: Vida e obra de um ex-presidente da ARI”, de autoria da professora e doutora Maria Alice da Silva Braga, é um verdadeiro presente para as pessoas que amam a cultura do Rio Grande do Sul, tão integrada, integradora e específica no contexto do Brasil e da América Latina. Trata-se de abrir as gavetas do tempo para fazer avultar a encantadora personalidade de Manoelito de Ornellas, um homem das letras que amou sua gente e sua terra com um fervor improvável em nosso meio, atual ou avoengo.

Neste compêndio, vamos poder conhecer grande parte de sua brilhante trajetória desde Itaqui, passando por Tupanciretã, Santa Maria e Porto Alegre, seus portos de onde partiu para grandes viagens e cenários do mundo todo. Mas o

solo gaúcho foi sempre seu paradeiro maior, de onde vislumbrou e auscultou as coisas do mundo que verteu em literatura, em jornalismo e em história.

Faz bem a Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI), na parceria com a Fundação Ulysses Guimarães, em trazer à tona a vida e a obra de um dos pioneiros de sua longa atuação em defesa de um jornalismo vivo, crítico e criativo. Manoelito foi um grande jornalista, assim como um ímpar nas suas atividades de crítico literário, tradutor, sociólogo, historiador, administrador, professor, entre todas as atividades que exerceu com brilho e maestria. Que bom poder ter este estudo em mãos, com um resgate que não costuma ser a tônica num país de memória instável. Certamente que o trabalho da professora Maria Alice servirá para que todos possam conhecer melhor um grande brasileiro, um grande rio-grandense e, acima de tudo, um grande gaúcho, cultor de um personagem que, mais que um tipo social, é um tipo afetivo destinado à imortalidade. Manoelito de Ornellas é um semeador que lança ao tempo suas ideias com a certeza de que são fluidas, mas de

uma força poderosa no espírito da coletividade.

Grande parte do escrito acima consta na contracapa do livro que vem a lume neste sábado. É emblemática a relação de Manoelito com o prédio do evento, como bem nos explica Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite, Pesquisador e coordenador do setor de imprensa do Musecom: “A imprensa oficial se localizava no prédio construído para sediar o jornal do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), A Federação (1884-1937), no qual Manoelito de Ornellas foi redator-chefe, após ter sido também redator do Jornal da Manhã, esse último criado com o apoio do governador Flores da Cunha (1880-1959) na década de 30. O prédio foi inaugurado durante os festejos do centenário da Independência do Brasil, em setembro de 1922, com a presença das autoridades da época e dos diretores dos principais jornais que circulavam na capital gaúcha. Atualmente, neste local, encontra-se instalado o Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, cuja fundação, em 10 de setembro de 1974, teve a efetiva participação da ARI e de seu presidente Alberto André (1915-2001)”.

No prefácio da obra, o jornalista Ercy Torma destaca um ponto relevante da gestão de Manoelito na ARI: “Sob o comando de Manoelito de Ornellas, a entidade passou a servir de mediadora em assuntos de jornais e de jornalismo, tornando-se ‘território neutro’ para resolver eventuais divergências. Em consequência, sob o patrocínio da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), nos anos de 1937 e 1938, as empresas jornalísticas de Porto Alegre firmam compromisso, estabelecendo os preços de capa dos jornais e as tabelas da publicidade divulgada na época”.

“Manoelito de Ornellas: Vida e obra de um ex-presidente da ARI” vem agregar ao universo literário e cultural do Rio Grande do Sul uma obra fundamental sobre um dos seus mais fecundos escritores e homens de letras. A autora, Maria Alice Braga, nos abre um caminho para um reconhecimento a um homem que ligou passado e presente como as pontas de um lenço que simboliza um Rio Grande histórico e imperecível na obra de gerações idas, vivas e vindouras.

* Poeta, escritor, professor e advogado

SERVIÇO

- O quê: Lançamento do livro “Manoelito de Ornellas: Vida e obra de um Ex-Presidente da ARI”
- Autora: Maria Alice da Silva Braga
- Quando: dia 24 de outubro, sábado, às 15h
- Onde: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (Andradas, 959), no Centro, em Porto Alegre
- Páginas: 100
- Edição: ARI / Fundação Ulysses Guimarães



ERON DUARTE FAGUNDES

A CRISE DO PENSAMENTO

As entrevistas dadas pelo francês Michel Maffesoli ajudam a entender aquilo que fica entre as linhas de seus livros. Mesmo um livro direto como “O Conformismo dos Intelectuais”, Sulina (“Les Nouveaux Bien-Pensants”, 2013), produz estes excertos de entrelinhas, os não ditos entre os ditos. Trata-se duma obra também atribuída à esposa de Maffesoli, Hélène Strohl, funcionária de carreira do Estado francês, formada e também mestra na famosa Escola Nacional de Administração (ENA). Na verdade, a senhora Strohl escreve o capítulo V, mas seus pensamentos, mais ligados ao ambiente da administração pública, dialogam o tempo inteiro com as

ideias desenvolvidas por seu marido ao longo do livro.

De onde vem esta verve letal que Maffesoli usa contra os seus, digamos, os intelectuais como ele? Questionado pelo jornal francês Contrepoint desde o título de seu livro (se há os novos bem-pensantes, quem seriam os velhos?), Maffesoli abre a inspiração literária de suas reflexões. E diz: “Trata-se duma piscadela para George Bernanos, que escrevera sobre este tema durante o entre-duas-guerras, onde ele denunciava os pacifistas”. Mas um perguntador francês é insistente, não se conforma com a pura revelação, quer saber se o autor diferencia nuances de pensamento entre os bem-pensantes de Bernanos e aqueles que Maffesoli agora põe em cena. Maffesoli se entrega: “Creio que não há mudança de fundo. A atitude de intolerância é um traço comum a uns e a outros”.

Em “O Conformismo dos Intelectuais”, Maffesoli dá sequência a sua ojeriza contra os supostos donos do saber na modernidade, os intelectuais de sempre. Há um artigo recente do escritor francês, publicado no Caderno de Sábado do **Correio do Povo**, em que ele desanca um dos mitos culturais do século XX, o francês Jean-Paul Sartre. Em seu livro aqui anali-

sado uma das vítimas do verbo ferino de Maffesoli, entre outras criaturas menos notadas por aqui, é Pierre Bourdieu, um filósofo conceituado. Concordando-se ou não com todas as diatribes de Maffesoli, reconhece-se que há uma fúria demolidora necessária para que se troque o ar viciado do pensamento. E não se pense que, fazendo a radiografia do intelectual num mundo muito transformado, Maffesoli livra inteiramente sua cara. Num de seus livros anteriores, o extraordinário “Homo Eroticus”; *comunhões emocionais* (2012), Maffesoli, professor da Sorbonne, não repugna um certo asco que os corredores da veneranda universidade lhe causam.

Hélène Strohl, a coautora de “O Conformismo dos Intelectuais”, começa o capítulo V anotando: “Independentemente do que se diga, também somos desta tribo, mesmo que seja de bom tom falar da desconfiança que ela nos inspira”. Que tribo? A tribo das tribos, a classe dos altos funcionários do Estado francês. Talvez Hélène se sinta constrangida em pertencer a esta tribo, assim como Maffesoli o sinta em ser um intelectual de prestígio. Talvez um constrangimento quase impotente: nada se pode fazer senão escrever livros radiografando o problema. Na mesma entrevista ao Contrepoint, Hélène



ne revela algumas experiências com alunos da ENA, chamados na França *énarques*. “Os jovens *énarques*, diz ela, “me parecem mais abertos para os outros e menos entre si mesmos.” E dá uma observação notável: “Alguns têm mesmo um pouco de vergonha de pertencer a uma casta”. Alguns alunos, envergonhados da classe privilegiada a que pertencem, buscam esconder suas origens na convivência com os outros. Talvez este exemplo cotidiano sirva de parâmetro para Hélène e Michel.

Em outra entrevista-dueto, dada a Juremir Machado da Silva e publicada no Caderno de Sábado do **Correio do Povo**, de 5 de setembro de 2015, Hélène reconhece o anacronismo do modelo do Estado do Bem-Estar Social na França, e Michel aduz: “Os intelectuais de esquerda

não são reacionários, mas são, com frequência, conservadores. Digo isso no sentido de que eles não querem ver as coisas como são, mas como eles gostariam que fossem: uma sociedade imutável para a qual eles devem dizer como agir e pensar”.

O conformismo dos intelectuais é uma conversação intelectual à beira do campo. Não teme seus temas, não teme a contemporaneidade de linguagem, nem medo de parecer imediatista, o que na verdade não é, pois sua agudeza de pensar é na verdade sua própria profundidade. Em tempos de crise (a econômica, a intelectual, a moral, a política, etc.), Maffesoli anota isto, bem no começo de suas ponderações: “Trata-se do indubitável sintoma de todos os períodos de decadência; isso é a crise: um momento em que, ao não ter mais consciência do que se é, deixa-se de ter mais confiança no que se é; como a crise, um julgamento (*crisis*) feito pelo que nasce sobre o que está desaparecendo. A crise está em nossas cabeças! Para parafrasear Leonardo da Vinci, é *‘una cosa mentale’*, uma coisa que trabalha no espírito coletivo”. Alguma parecença com coisas próximas de nós, que aparentemente estamos longe da Europa e da França?

*Crítico literário e de cinema

Em seu livro aqui analisado uma das vítimas do verbo ferino de Maffesoli, entre outras criaturas menos notadas por aqui, é Pierre Bourdieu, um filósofo conceituado. Concordando-se ou não com todas as diatribes de Maffesoli, reconhece-se que há uma fúria demolidora necessária para que se troque o ar viciado do pensamento.